



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Cordeiro Filgueiras, Andréa Carla de; Menezes Araújo, Jaileila de; Castro Rabello de, Lucia
Oficinas da Cidade em Fortaleza
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815107>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Oficinas da Cidade em Fortaleza

Andréa Carla de Filgueiras Cordeiro^{1,2,3}

Universidade Federal do Ceará

Jaileila de Araújo Menezes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lucia Rabello de Castro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo trata do relato de uma experiência de intervenção focal com crianças na cidade de Fortaleza através de discussões em grupo, possibilitar a construção e a re-construção das experiências destes sujeitos da premissa que viver hoje na cidade contemporânea requer do sujeito orientação crítica para que ele se prepare para viver coletivo. Três momentos de discussão foram focalizados: a reflexão sobre a experiência vivida, sobre as possibilidades deste viver; e a discussão sobre o vivido e o desejado, visando a uma re-construção das experiências. As crianças mostraram capacidade de analisar criticamente sua experiência na cidade, apontando os aspectos que tornam o viver na cidade particularmente difícil para elas. Mostraram, também, capacidade de indicar aspectos que suavizariam a tarefa de viver na cidade grande, principalmente quando não se é adulto, e sim criança.

Palavras-chave: Cidade; criança; participação social.

City Workshops in Fortaleza

Abstract

This paper presents an intervention-based project with children in the city of Fortaleza, when children, through focused group discussions, their constructions about living in the city. It was assumed that to be able to position oneself critically before the demands of collective life. Discussions were stimulated on three aspects: what is to live in the city today; what possibilities for collective life could be imagined; and how experiences could entail a realistic construction of city life. Children showed capacity of critically analyzing the city, indicating those aspects that were, from their point of view, hardest to face. They also showed out collective endeavours that could make it easier for them, as children, the task of living in a big city.

Keywords: City; child; social participation.

¹ Endereço para correspondência: Av. Armando Lombardi 800/217, Rio de Janeiro, 22640-000, Fone/Fax (21)4943672, E-mail: lrcastro@infolink.com.br.

² Nossos agradecimentos às psicólogas do Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança (NUCEPEC/UFC): Ana Beatriz de Oliveira Moraes, Luciana Queiroz Fontenele, Renata Castelo Peixoto, que participaram diretamente; ao psicólogo Francisco José Medeiros de Andrade (NUCEPEC/UFC) pela sua contribuição e ajuda institucional; aos professores e alunos do NUCEPEC e do

O projeto “Oficinas da Cidade” visa atender aos segmentos da infância e adolescência, suas possibilidades de participação e inserção no espaço urbano onde vivem. Pode ser uma oportunidade para abrir um campo de construção de cidadania com crianças e adolescentes no espaço urbano.

jovem contemporâneos aprendem neste domínio não comumente relacionado à aprendizagem, que é o da cidade. No entanto, esta aprendizagem não se faz dentro de um ordenamento e de uma previsibilidade da ação instrumental, onde fins e meios se relacionam. Pelo contrário, as aprendizagens na e da cidade baseiam-se tanto em outros códigos (como por exemplo, o da *visualidade*), como também produzem saberes que apenas a posteriori se delineiam, como por exemplo, a compreensão sobre as diferenças e as desigualdades sociais (Castro, 2001).

A aprendizagem na e da cidade se presta à conceituação que Raphael (1986) chamou de *de-socialização*, ou seja, a capacidade de mobilização frente ao novo, ao inusitado a que a cidade incita seus habitantes. Na cidade o sujeito é convidado a uma mobilidade permanente e, assim, tem de se haver com a diversidade de experiências. O vagar pela cidade permite a vivência com o outro, distanciado e estranho, de modo que o sentimento de perda de familiaridade com o mundo torna-se uma marca da *pele urbana*. Na cidade, há que se conquistar os espaços e as amizades. Neste sentido, jovens e crianças têm muito a aprender quando saem às ruas, e efetivamente o fazem, ainda que na surdina.

O perambular pelas ruas, os deslocamentos na cidade propiciam, ainda que de maneira assistemática e não completamente elaborada, uma cultura política, no sentido de questionamento e problematização das condições de existência dos habitantes de uma mesma cidade. Assim, a *polis*, cidade, pode ser fonte de uma reflexão política do nosso cotidiano: o exercício de pensar como construímos nossas relações e como agimos na cidade pode impulsionar novas maneiras de encarar a vida social e suas mazelas. O que os jovens e as crianças deste estudo parecem mostrar é que o trabalho de pensar em conjunto conduz à re-descoberta de outros significados para a vivência individualizada e solitária na cidade, pois re-faz caminhos, cria impasses e produz estupefações. Rompe com a vivência ociosa que se tem na e da cidade onde as

forma, as oficinas podem ser importantes para a pesquisa, onde importa também a transformação dos sujeitos se transformarem através de sua participação e reflexão. As oficinas, enquanto instrumento de intervenção, se inserem dentro de uma estratégia que visa a capacidade de reflexão dos sujeitos participantes ou pesquisadores, dentro da mesma perspectiva de pesquisa (King, 1998; Smith, 1998).

As oficinas são coordenadas por duas pesquisadoras com uma duração de nove meses, cuja freqüência é de uma vez por semana, com duração de cerca de uma hora e meia, em média. As oficinas contam com três encontros cada um, foram realizadas em dois módulos. No primeiro módulo se objetivou levantar junto com os adolescentes os modos de sua participação na cidade, como é viver na cidade grande, as ressentimentos deste viver, o modo como se relacionam com a cidade; no segundo módulo se objetivou que as crianças e adolescentes pudessem imaginar junto com as crianças e adolescentes as possibilidades da cidade para este grupo, para o viver a cidade pode apresentar; no terceiro módulo se objetivou discutir e imaginar juntas as implicações pessoais e coletivas para uma participação na vida da cidade.

As oficinas consistem num processo de discussão, acontecendo sem interrupção para beneficiar o processo. Como recursos auxiliares, a imaginação e discussão são utilizados, a dramatização, a teatralização e o contar histórias.

O presente trabalho relata a experiência de vivência da Cidade realizadas no Centro de Integração à Profissão (CIP) do Bairro de Boa Vista em Fortaleza. Os Centros de Iniciação Profissional – CIP – são parte do sistema de atendimento a crianças e adolescentes da rede estadual do Ceará. Estas instituições atendem crianças e adolescentes de diversos bairros e atendem à população de baixa renda. No Bairro de Boa Vista, o CIP

coordenadora parecia interessada na realização da pesquisa no CIP, tanto que se fizeram dois grupos na instituição. Os grupos foram selecionados pela coordenadora, com idades variando de nove a 14 anos, com média em torno de dez anos. Um dos grupos, que chamaremos de Grupo I, teve em média a participação de oito crianças. O Grupo II teve em média a participação de sete crianças. Como todas as crianças e adolescentes atendidos pelo CIP, estas crianças moram nas proximidades da instituição, e são provenientes de famílias carentes (salário familiar em torno de um ou dois salários mínimos). As crianças dos dois grupos freqüentam escolas públicas, também localizadas próximas à instituição, com uma única exceção de um garoto, que por falta de vagas, não pôde se matricular no ano de realização da pesquisa (1º semestre de 2000).

Urbanizando Fortaleza: Os Dois Lados de uma Mesma Cidade

O processo que compreende a transformação de Fortaleza em metrópole teve início na segunda metade dos anos oitenta. Vale ressaltar que este período compreende uma mudança significativa no cenário político cearense, uma vez que nas eleições para governador ocorrida em 1986, Tasso Jereissati (atual governador do Estado, cumprindo seu segundo mandato desde janeiro de 1999), até então um empresário iniciante na política, derrota os poderosos *coronéis* do Ceará (força política herdeira da tradição econômica agropecuária). Tasso conseguiu implementar, tanto no estado quanto na capital cearense, um projeto político eminentemente vinculado à burguesia industrial, com um programa de atração de indústrias para o estado. Mas, por outro lado, não conseguiu viabilizar projetos sociais que de fato atendessem às áreas da educação, saúde, moradia; prevalecendo, assim, uma ação social limitada a uma prática assistencialista (Farias, 1997).

A metropolização da cidade esteve vinculada pelo

privilegiadas da cidade e o alto turismo e lazer – *Beach Park* (Parque das Dunas) – inaugurado em 1985, com grandes atrativos amplamente divulgado na mídia. O Centro Cultural do Mar de Arte e Cultura (construído em 1999 do qual constam cinco salas de exposição, um museu com exposições permanentes, um teatro, o Mercado Central (espaço destinado a artesãos e produtores locais, como o artesão de cera que foi inaugurado em 1998) e, 4) o Centro de Referência do Crescimento da População (que saltou de 1.768.637 habitantes em 1990 para 2.000.000 habitantes em 2000); (IBGE, 2000). O processo de metropolização está vinculado a fatores de expulsão social (causado principalmente pela seca, perda da terra e má remuneração do trabalho rural) e a fatores de atração (pela inexistência de outros centros urbanos na região metropolitana) como a construção da rodovia BR-116 (ADUFC & IAB-CE, 1992).

Sobre este último aspecto, é importante ressaltar que o processo de metropolização de Fortaleza não só ocorrer de forma concomitante ao processo de urbanização dos seus municípios vizinhos, mas também de forma metropolitana de Fortaleza. Na verdade, os municípios que formam esta região não só não devido crescimento qualitativo, mas também de modo, Fortaleza permaneceu uma constante na constituição enquanto metrópole, devido ao crescimento da população do estado.

Com uma política urbana e metropolitana baseada na lógica do mercado, com uma visão instrumental do desenvolvimento, com uma definição das ações governamentais voltadas para a economia (Farias, 1992, p. 2), Fortaleza não só não conseguiu construir um aparato econômico, de infra-estrutura e de serviços públicos capaz de atender às demandas da população particular aos das classes econômicas mais elevadas.

fortemente marcado pela exclusão e miséria da maior parte da população. Segundo o SINE/CE (Sistema Nacional de Empregos, seção do Ceará, <http://www.sine.ce.gov.br>), no segundo trimestre de 1992, 59% da população total da cidade tinha baixa renda, encontrava-se carente de infra-estrutura, serviços e equipamentos urbanos e situava-se no lado *pobre* da cidade – parte oeste de Fortaleza, enquanto que 41% da população total da cidade possuía renda média e alta, localizava-se na parte leste da cidade (com destaque para os bairros da Aldeota, da orla marítima e da zona central) e tinha suas demandas urbanas prontamente atendidas, pertencendo assim, ao lado *rico* da cidade.

Zona Oeste, lado pobre e zona Leste, lado rico são significantes que caracterizam e expressam os efeitos do processo de urbanização da cidade de Fortaleza, que tornou lamentavelmente possível a existência de duas cidades numa só. Segundo Farias (1997, p. 266), “Fortaleza atualmente se divide em duas cidades: a do lado leste, rica, bonita, para turista ver, e a do lado oeste, pobre, ‘asfaltada’, miserável para o povo viver”.

Entre estes dois registros da cidade *rica* e da cidade *pobre*, o habitante de Fortaleza se vê frente a uma cidade em construção. Se por um lado uma de suas partes está sendo incrementada para se tornar ainda mais atraente, por outro lado, há uma profusão de obras públicas numa tentativa de atender às necessidades básicas da população, especialmente na área do transporte.

Nesse cenário de mudanças, como se situa o habitante de Fortaleza? Que tipo de contato é possível se ter com a cidade? Com o movimento de crescente complexificação da cidade, o habitante de Fortaleza tem sido impulsionado a reelaborar seus mapas cognitivos do espaço urbano. O morador do lado leste tem constantemente que avaliar seu trajeto para o trabalho em função das interdições das vias impostas pelos reparos e pelas melhorias urbanas. O morador do lado oeste tem sua casa ameaçada de desapropriação pelas obras estruturais para ligar a parte

O que nos interessa particularmente é analisar como crianças e jovens vivem este processo agudo de transformação, como categorias excluídas de uma mesma realidade, nos destinos da cidade, sofrem não só transtornos objetivos causados pelas mudanças, mas também pelos efeitos que mudanças na estrutura urbana geram em relação à vida social (Castro, 1998a).

A Realidade do Viver em Fortaleza: “Lado Morto”

No que se refere à cidade real, a que é vivida, o trabalho, as crianças trouxeram um discurso que fala sobre a cidade, destacando dois aspectos: o lado pobre e a vida urbana.

Quanto ao primeiro aspecto, foi mencionado que a fala das crianças a referência a um lugar que não havia sido planejado: o *Beach Park*. Este lugar foi mencionado por crianças que até especulavam qual seria o símbolo do parque: ela seria feita no formato de uma foca? Elas fizeram questão de chamou particularmente a atenção, já que esse tipo de lazer é economicamente inviável, segundo as pesquisadas. “Eu conheço. Mas nunca fui. Passei todo dia na televisão” (L. 12 anos). Lembra-se da impossibilidade de acessar alguns pontos da cidade, que para estas crianças, “conhecer” passa a ser “visitar” (Castro, 1998b). A televisão dá a estas crianças uma visão da cidade real, mesmo que seja de espaços interditados a elas. Assim, a possibilidade de contato com o mundo, através dela é “visitar a casa” e ter acesso aos mais variados lugares, como o museu ou o artesanato que uma das crianças mencionou porque: “aparece no Jornal do 10 (noticiário da TV) e a atividade muito desenvolvida em Fortaleza” (L. 12 anos).

Refletindo mais detidamente sobre a possibilidade de contato com o mundo, através da televisão, elas mencionaram que a televisão é a única fonte de informação que elas têm, e que elas só conseguem ter acesso a ela através da televisão.

acessível opção, sendo inclusive citada pelas crianças da pesquisa como o lugar que freqüentam no final de semana.

Por outro lado, a orla marítima da cidade já apresenta as consequências de um processo ecologicamente desequilibrado de ocupação do solo urbano que provoca o lançamento de esgotos domésticos e industriais na faixa da praia. Deste modo, a praia e os demais recursos hídricos da cidade com potencial para o lazer e economicamente acessível às camadas desfavorecidas, encontram-se num processo crescente de degradação e logo tornam-se incapazes de atender ao lazer desta parte da população. Sem opções de lazer naturais e acessíveis, as crianças ficam sonhando com um atrativo que conhecem apenas pela TV e que lhes é completamente inacessível.

Sobre o aspecto da violência, esta surgiu como associada ao *lado morto* da cidade, expressão usada pelas crianças para designar as zonas de violência existentes em Fortaleza. Falar de violência é falar de roubo, drogas, morte, assédio sexual, dos riscos aos quais está submetido o habitante das cidades. E, paralelamente a isto, a violência foi também situada na forma de relacionamento dentro dos grupos. Assim, são pelo menos três os ambientes em que as crianças situam a vivência da violência: na cidade, de forma geral; no ambiente da casa; e, mais especificamente, nas relações que as crianças da pesquisa mantinham entre si. Comentaremos a seguir cada uma destas dimensões.

O *lado morto* da cidade se faz presente na rua, uma vez que é o lugar privilegiado daquilo que as crianças classificam como situações perigosas. Estar na rua é estar exposto a algum tipo de risco. Uma expressão da relação existente entre os termos rua e violência consta neste trecho de história elaborada pelas crianças: “*(João e Maria) foram para a pizzaria e lá encontraram muitos amigos. (...) Quando vieram de noite, foram assaltados no meio da estrada. Roubaram os seus dinheiros, jóias, relógio e o colar da Maria.*”⁷

O assunto violência mobiliza o grupo de uma forma

bairros centrais, Aldeota e Orla, nesta última onde se concentram os turistas ansiosos por desfrutar, dizendo, de um lado bem restaurado da cidade.

Podemos ainda perceber o que se reflete no tipo de relação com a cidade, na medida em que uma *vista não tem lazer, tem muita violência*, se a opção de lazer que resta a uma criança é na rua não tem segurança, a criança brinca de brincadeira, do entretenimento, assim um sentimento de ser estigmatizado, de ser um morador que não é.

Por outro lado, a violência é um ambiente da casa, onde os pais se preocupam com a segurança para os filhos. “*João e Maria eram felizes, porque os dois ficavam juntos. Eles não eram felizes, porque os dois ficavam separados. Aí o pai queria matar os dois filhos, e a mãe ficava triste, porque ficava só.*”

Retomando os termos ruas e casas, podemos ressaltar o caráter ambíguo que ambas possuem como lugar de atuação da violência. As ruas aparecem, respectivamente, como espaço de diversão e como lugar de perigo; a casa, como espaço adequado para a realização de brincadeiras e expressões lúdicas propícias ao lazer acessível. No entanto, a casa é um espaço que não é só a qualquer rua, mas às travessas e ruas secundárias, às ruas principais e onde o fluxo de pessoas é intenso.

A casa, por sua vez, é o lugar que deve ser resguardadas dos perigos que existem no exterior, que podem contar com o amparo da casa, uma questão afinal de que casa as crianças vivem, de que moradia que lhes é acessível.

Ainda sobre os termos casa e rua gostaríamos de ressaltar que o CIP ocupa, segundo as falas das crianças, um espaço intermediário, uma vez que ele foi apontado pelas crianças como sendo o lugar da cidade de Fortaleza onde gostam de ficar. Para estas crianças é melhor ficar no CIP do que ficar em casa, é melhor ficar no CIP do que na rua. O CIP é o lugar onde elas encontram os amigos e desfrutam de segurança, enquanto que “*Na rua tem o perigo, e em casa também pode ser perigoso*” (S. 10 anos).

Contextualizando a violência agora no âmbito das relações intragrupais, esta se manifestou de forma mais significativa no grupo I. As crianças não só falaram que foram afetadas por uma violência que vinha de fora (da rua, da casa) e que era exercida por um outro (o assaltante, os pais), mas trouxeram também a violência para dentro do grupo de trabalho, ou melhor *produziram* elas próprias algum tipo de violência. Neste grupo, elas não eram somente vítimas, mas autoras de uma violência. O não se escutar, as brigas freqüentes, os desentendimentos, o ato de depredar o espaço onde se fazia o trabalho, submeter-se a situações perigosas, xingar o outro, tudo isto foi tomado pelas dinamizadoras como atos mobilizados a partir da discussão em torno do *lado morto* da cidade, o que instaurou um aparente caos no grupo. Porém, o aspecto clínico envolvido na compreensão do que emergia no grupo, propiciou uma outra compreensão sobre a atuação da violência no grupo, que conseguiu estabelecer vínculos grupais a partir destas situações que denominávamos de violência.

Levando em consideração outras temáticas que também emergiram neste momento de discussão do grupo, destacamos o trabalho e a religiosidade. Quanto à temática do trabalho infantil, esta nos chamou particularmente a atenção pela insistência do grupo em destacar seus aspectos positivos. Trabalhar apareceu como uma possibilidade de ganhar dinheiro para comprar *minhas coisas*, ou para dar à mãe e não ser um *peso* para a família. Mesmo quando confrontados pelas coordenadoras com

é aquele que é “*de Deus*”, em contraposição aos possuídos pela “*marca da besta*” (demônios).

Em linhas gerais, podemos retomar todos os aspectos trazidos pelas crianças na descrição da cidade, sob o signo da desigualdade social, marginalização que marca a vivência das crianças. As investigadas com a cidade é indiretamente elas quando elaboraram uma história sobre a cidade onde o personagem que elas criaram vive (que vive justamente pelas suas posses materiais de riqueza) e vive numa cidade onde a entrada é proibida e é justamente por isso que a cidade é considerada ser bonita. Assim, acabam falando da cidade e da qual estão excluídas porque nela só vive, belo, em detrimento do lado morto, sujo.

A Cidade Ideal: Ausência de Violência e Alcance de Todos

No registro da cidade ideal, foram os aspectos que prioritariamente compõem os sonhos: a ausência da violência e elementos que indicam o prazer ao agradar. Tendo em vista que a violência foi um elemento presente na cidade real, podemos supor que é possível de imaginar o que poderia ser mais agradável, justamente aquilo que mais incomodava a violência do seu cotidiano.

As crianças falaram de uma cidade roubada, com mais policiamento, enfim, também manifestaram seu incômodo vivência com os integrantes do grupo, oficinas, quando estes “arengam” (implicam) os outros. O desejo por uma cidade sem seu sentido mais radical quando uma das a construção de uma cidade de uma pessoa.

O prazer fácil, ao alcance de todos, se trata de elementos, tais como casas de chocolate dos Sanduíches, piscina em todos os lugares, etc.

do módulo 2, ou seja, à elaboração da cidade ideal, foi marcado por uma encenação de violência, onde as crianças brincavam de brigar. Essa encenação surgiu de forma espontânea entre eles, e era marginal à atividade proposta para aquele encontro. No entanto, as coordenadoras interessaram-se pela situação, inicialmente observando, e depois pedindo às crianças que narrassem o que tinha se passado. A partir da explicação da brincadeira, o grupo passou a relatar episódios de assaltos e agressões que já haviam presenciado. Foi neste contexto lúdico que o Grupo I conseguiu construir um discurso sobre as aflições de viver numa cidade marcada pela violência. Foi representando a violência que as crianças expressaram de forma espontânea o desejo de uma cidade sem violência. Acreditamos que somente neste momento as crianças do Grupo I saíram do registro do real, na medida em que ao encenar a violência de seu cotidiano, puderam se dar contar de como esta violência lhes fazia mal, e como gostariam que ela tivesse um fim.

O Grupo II, por sua vez, traz uma cidade marcada pela religião, uma vez que esta aponta o lugar do positivo e do negativo: as crianças não querem em sua cidade ideal, pessoas que tenham a “*marca da besta*” (M. 9 anos), e Deus permanecerá enquanto um referencial de amparo em situações difíceis: é só rezar para ele. O sonho destes sujeitos aponta para uma cidade de casas grandes, com muita natureza, muita fartura e beleza, lugar que se assemelha em seu discurso com o “*sítio da minha avô*” (K. 11 anos). A cidade ideal teria a paz e a tranqüilidade que se encontra no campo, no interior do estado e seria também uma cidade sentimentalmente acolhedora, características expressas na seguinte fala: “*A V. queria que não existisse violência. Queria que existisse mais amor (...) e não faltasse carinho*”, (V. 10 anos).

Na cidade ideal também teria lazer e a piscina volta como equipamento essencial. Quando perguntadas sobre onde estariam nesta cidade, as crianças foram unâimes em dizer que seria na piscina, o dia todo!

trabalho o modo de se inserir na vida social.

Por fim, para concluirmo de explorar ainda as seguintes *para a piscina e para a praia e para o aeroporto*” (V. 10 anos). “A A. que e da Luciana⁸. Lá tinha piscina, anos).

Esses trechos nos remetem ao tema dos deslocamentos na cidade, que dão acesso a uma estrutura de lazer e contato com um monumento (que expressão máxima de mobilidade, que une pessoas de diferentes idades e de mais diversos lugares), para se divertir e se divertir na cidade, onde as crianças imaginam que vivem e que moram. Como podemos ver, a cidade é a base que situa o lazer e a fartura/prazer, que está interditado a estas crianças.

Este desejo de mobilidade contraditório com a situação real da cidade de Fortaleza, uma vez que elas têm suas condições de mobilidade e acesso à diversidade da cidade é via televisão. Assim, as próprias possibilidades de mobilidade condizem com a sua situação de exclusão tipicamente territorializada como

O Momento da Implicação

No domínio do possível, apresentam desdobramentos, serão tratados em separado.

O Grupo I retoma os elementos da proposta de governo, sem violência, sem brigas, sem mortes, mais casas e trabalho para todos, possibilidade de concretização efetiva do governo. Quando o governo é pessoalmente na construção de casas, na construção de escolas, na construção de estradas, na construção de hospitais, é só aí que o governo é efetivo.

resolução do problema - não se trata mais de eliminar o excedente, mas de gerenciar o viver coletivo. Neste gerenciamento, o diálogo surge como uma ferramenta primordial. Chegam a propor, neste sentido, a criação do que chamaram de *SOS sem briga* - um grupo de crianças que agiria no sentido de prevenir desentendimentos ou de denunciar infrações na escola ou na instituição da qual participam. *Procurar quem estava brigando e separar* (L. 12 anos).

O que podemos perceber neste movimento das crianças do Grupo I nos remete ao próprio sentido de intervenção a que as Oficinas da Cidade se propuseram. Foi inserindo as crianças numa esfera de implicação cada vez mais intensa que, a nosso ver, o Grupo I, que inicialmente delegava a construção de uma cidade melhor às instâncias de poder, passa progressivamente a se comprometer com uma ação de mudança num nível acessível a elas enquanto crianças. Vale destacar que uma certa *consciência* de um agir coletivo comprometido com uma certa dimensão da cidade (a escola e a instituição CIP) foi possível de ser desenvolvida em função de todo o trabalho em grupo que a oficina incentivou.

Com relação ao Grupo II, no módulo da cidade possível, sentimos que as crianças tiveram dificuldades de se implicarem no registro de como resolver a defasagem entre o real e o desejado, chegando ao possível. As soluções apontadas passavam pela intervenção de um outro que vem de fora e tem mais condições: “*Se alguém me ameaça na rua eu procuro um vizinho fortão*” (S. 10 anos). “*Minha escola melhora se eu falo com o diretor*” (A. 10 anos).

Estendendo ainda estas considerações, as crianças afirmam que o grupo se comportaria melhor se as coordenadoras recorressem à direção da instituição; e a cidade não teria drogas e marginais se a polícia fosse atuante. Na vertente da religiosidade que tanto marca este grupo, as crianças destacam que as pessoas boas devem procurar ajudar quem está em dificuldade, e que todos podem sempre recorrer a Deus. A implicação parece ser

marginalidade seria contida e consequentemente seria um lugar mais seguro para elas.

As crianças destacaram, ainda, sua percepção da natureza, como uma forma possível de inserir-se na construção da cidade: “*Não jogo lixo na natureza, não arranco as flores da calçada, não arranco as plantas*” (Da. 10 anos).

Ainda na esfera do cuidado ecológico, as crianças afirmam que é interessante ter uma convivência com os animais, desde que se tenha quem cuide deles. As crianças tenham a ecologia como uma responsabilidade social, onde se percebem responsáveis pelo cuidado com o meio ambiente. Elas foram também incentivadas a fazer atividades de campo de implicação. Neste sentido, é particularmente significativo ocorrido no módulo da CIP, que é digno de nota. Algumas meninas comentaram que a escola, mais especificamente sobre a alimentação, é um problema. Quando questionadas sobre o que poderiam fazer para melhorar esta situação, algumas já tinham feito reclamações e outras disseram que fariam nada porque temiam ser expulsa. O que é interessante é que esta atitude nos leva a pensar o quanto as crianças sentem a necessidade de um ambiente para expressar suas insatisfações e que existem mecanismos que viabilizem uma participação efetiva na vida comunitária voltada aos interesses da comunidade. Assim, elas são constantemente lembradas de sua participação política com relação ao ambiente e às autoridades em particular.

Considerações Finais

Retomando as discussões sobre as CIPs, destacamos a vertente *violência e violência* como a mais forte. A violência contra a cidade real por parte das crianças destaca-se de ter repercutido em como imaginam a cidade e no alcance de suas possibilidades de participação. A violência constituiu-se como uma questão central para estes grupos, questão que persiste e para a qual é necessário encontrar respostas.

a vida na cidade lhes impõe. O apelo a Deus diante das dificuldades aparece como uma busca de amparo por Aquele que é detentor de um poder inabalável. Já o trabalho surge como uma possibilidade de conter os perigos da cidade, tal como a marginalidade, uma vez que se todos estiverem empregados, ninguém vai “*fazer besteiras*” (exercer a violência). Por fim, frente ao que as crianças consideram imprevisível e fora de seu controle, o Grupo II espera a solução dos conflitos de que pode ser vítima na cidade, a partir da intervenção de um poder maior, personalizado ora numa figura de autoridade institucional, ora em um adulto que lhe inspira confiança.

As crianças também destacaram em seu discurso as dificuldades de mobilidade na cidade e de acesso aos diversos equipamentos de lazer existentes na capital. As crianças não desfrutam da cidade tanto por questões de cunho objetivo (ameaças de assalto, históricos de assédio sexual etc.), quanto pela sua situação de exclusão sócio-econômica, o que nos faz constatar o quanto elas são vítimas também de uma violência simbólica. Tal violência fica registrada na forte metáfora de que se utilizam para falar da divisão da cidade de Fortaleza, que apresenta um *lado vivo* e um *lado morto*. A consciência de que estão excluídas aparece quando retratam sua própria posição: elas estão no lado morto da cidade.

Uma vez tendo realizado as Oficinas da Cidade com crianças residentes no chamado lado *pobre* de Fortaleza e constatado como a violência de seu cotidiano e as limitações de acesso destas crianças às diversidades da capital geram percepções diferenciadas quanto a um poder agir na construção da cidade, sugerimos como futuras investigações o desenvolvimento do projeto Oficinas

da Cidade junto a crianças residentes no lado rico da Cidade de Fortaleza. Deste modo, acreditamos que a realidade diferente, poderemos gerar percepções também diferentes quanto a como as crianças podem agir e participar na cidade.

Referências

- Associação dos Docentes da UFC (ADUF). (1992). *Carta à sociedade cearense*. Brasil - Ceará (LAB-CE). (1992). *Carta à sociedade cearense*. Fortaleza: Expressão.
- Bleger, J. (1980). Grupos operativos no campo. In: *Introdução à psicologia* (pp. 53-82). (Rita Moraes, Org.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Castro, L. R. (1998a). A cidade, a criança e a adolescência: um olhar crítico sobre a construção ou desarticulação social? In: *Consumo e adolescência na cultura do consumo* (pp. 11-24). Rio de Janeiro: Zahar.
- Castro, L. R. (1998b). Consumo e a inserção social das crianças e adolescentes na cultura do consumo. In: *Consumo e adolescência na cultura do consumo* (pp. 55-74). Rio de Janeiro: Zahar.
- Castro, L. R. (2001). Cities and social spaces: the case of children and youth. In: *Anthropology*, 16(2-3), 77-87.
- Farias, A. (1997). *História do Ceará: Do Brasil à Independência*. Fortaleza: Editora da UFCE.
- IBGE, BRASIL. (2000). Censo 2000. Rio de Janeiro: IBGE. / www.sidra.ibge.gov.br
- King, E. (1998). The use of the self in qualitative research. In: *Handbook of qualitative research in the social sciences* (pp. 175-188). Leicester: Brasa.
- Raphael, F. (1986). L'étranger de G. Simenon. In: *Anthropology*, 11(2-3), 18-31. et l'expérience du monde moderne (pp. 18-31).
- Smith, J. (1998). Evolving issues for qualitative research. In: *Handbook of qualitative research in the social sciences* (pp.189-202). Leicester: Brasa.